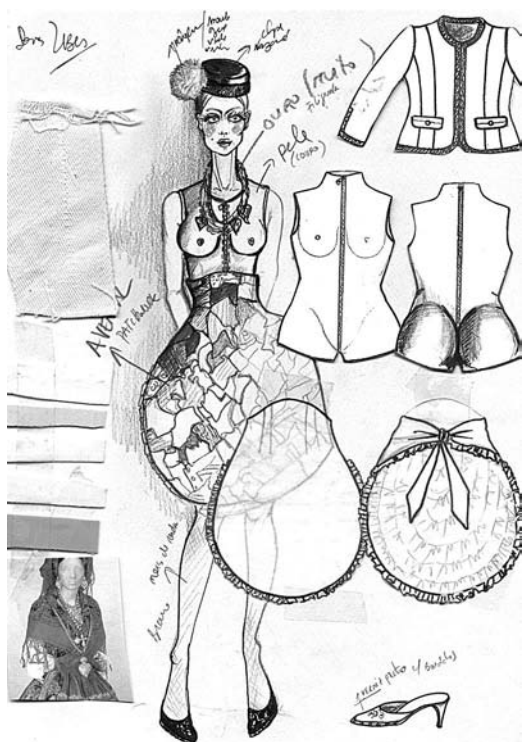


UBUs

Feira animada

Paulo Eduardo Carvalho

<
Esboços e apontamentos técnicos para os figurinos de *UBUs* (Dona Ubu), por Bernardo Monteiro [cortesia do autor].



Esboços e apontamentos técnicos para os figurinos de *UBUs* (Rei Ubu), por Bernardo Monteiro [cortesia do autor].
>



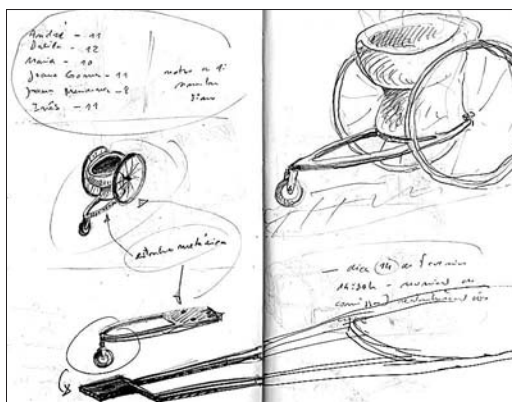
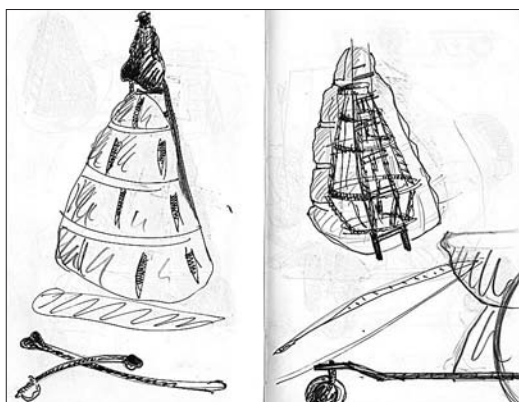
UBUs teve estreia a 16 de Abril de 2005, no espaço do Teatro Carlos Alberto, no Porto. Reposto, alguns meses mais tarde, no Teatro Nacional S. João, o espectáculo foi depois apresentado no Teatro Argentina, em Roma (4-5 de Outubro de 2005), e, já este ano, também na Comédie de Reims, em França (19-29 de Janeiro de 2006). Combinação exaltante de talentos, esforços e recursos, *UBUs* resultou, sobretudo, da fértil imaginação criativa e programática do seu encenador, Ricardo Pais, que conseguiu integrar a revisitação de um importante momento fundador da dramaturgia contemporânea num projecto cénico de amplo alcance artístico, crítico e formativo.

O plural do título encontrou plena justificação na hábil e sugestiva ampliação da peça *Rei Ubu*, de Alfred Jarry, através do recurso a outros textos da gesta ubuesca desenvolvida pelo autor francês, com a inventiva tradução e dramaturgia de Luísa Costa Gomes, igualmente responsável pela tradução, publicada pela Campo das Letras, com o apoio do Teatro Nacional S. João, da quase totalidade daquele ciclo dramático: *Rei Ubu*, *Ubu agrilhoado*, *Ubu cornudo* e *Ubu no outeiro*.

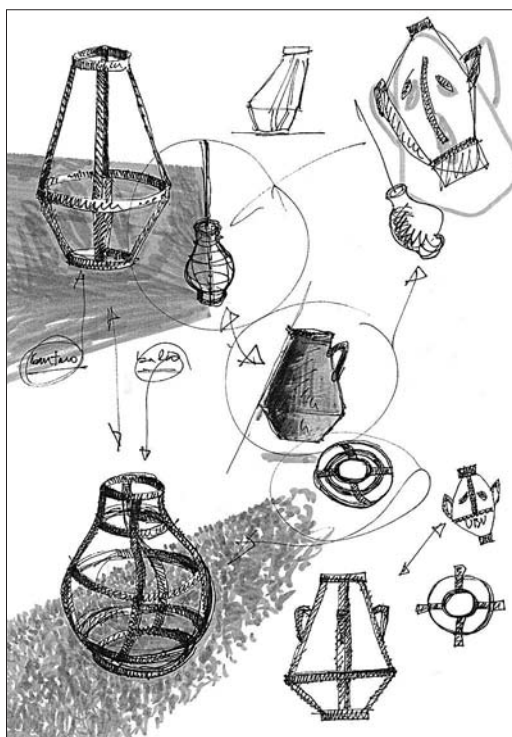
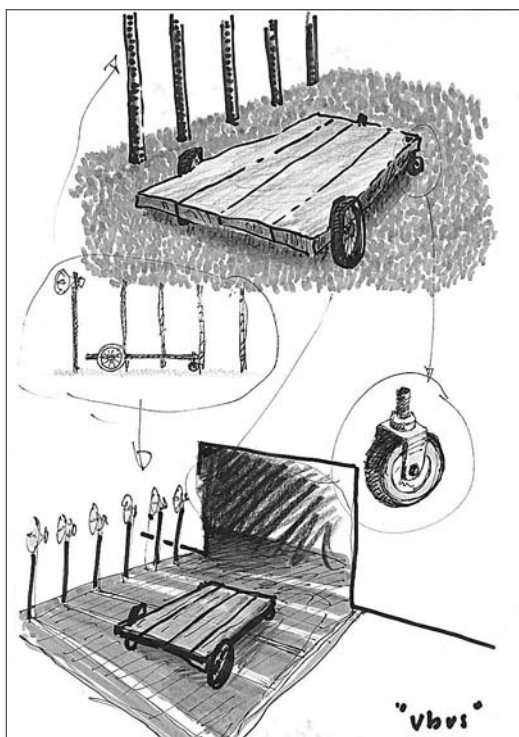
Mas *UBUs* apresentava-se também como "plural" na expressiva orquestração das linguagens cénicas convocadas

para a construção do espectáculo. Originalmente projectado como um musical, o espectáculo vivia de muitos e diversos contributos: o espaço cénico assinado por Pedro Tudela, um imenso relvado artificial, povoado por dois enormes mastros de madeira, na extremidade dos quais florescia uns gigantescos altifalantes sugerindo o espaço de um terreiro, de uma feira ou arraial popular, inusitadamente atravessado por sanitas servindo de assentos reais, combinando a sugestão escatológica com diversas remissões surrealizantes para o domínio das artes plásticas; os extraordinários figurinos de Bernardo Monteiro, capazes de preservar a origem bonecreira da criação de Jarry com a refiguração paródica de diversos motivos do vestuário tradicional português, entre a sedução etnográfica e a crítica à manipulação ideológica de que muitos desses motivos foram outrora objecto, sinalizando de forma clara a sugestão enunciada pelo subtítulo do espectáculo: "um contributo para a desdramatização da pátria"; o lúdico e transfigurador desenho de luz de Nuno Meira; e ainda as contribuições de Margarida Moura e Miguel Andrade Gomes, respectivamente, nas coreografias tradicionais e nas lutas e marchas militares.

Num outro domínio, determinante para a excitação sensorial provocada pelo espectáculo e para o desenvolvimento



<>
Esboços para a cenografia
de *UBUs*,
por Pedro Tudela
[cortesia do autor].



<>
Esboços para a cenografia
de *UBUs*,
por Pedro Tudela
[cortesia do autor].

de uma assumida lógica de "variedades", destaquemos ainda a percutante criação e preparação rítmica de Miquel Bernat, as saborosas canções compostas por Sérgio Godinho e o desenho de som de Francisco Leal, aqui promovido à condição de protagonista por inteiro da representação, na medida em que todos os intérpretes, quais personagens de feira popular, transportavam consigo, pendurados ao pescoço, enormes microfones de mão.

A já referida pluralidade encontrou mais plena expressão na amplitude de recursos expressivos explorada entre o conjunto de actores: Alberto Magassela, António Durães, Emília Silvestre, Ivo Alexandre, Joana Manuel, João Castro, João Reis, Jorge Vasques, Lígia Roque, Micaela Cardoso, Paulo Freixinho, Pedro Almendra, Pedro Pernas e António Sérgio representavam, cantavam, dançavam, combinando a mais extraordinária versatilidade com a mais contagiante energia, tão eficazes no retrato de uma certa boçalidade como no cumprimento da exigente proposta performativa. Um merecido destaque vai para João Reis, que construiu o seu Ubu com a intensidade que só o talento e a experiência acumulada conseguem proporcionar, explorando uma espécie de *gestus* distanciador, que fazia de toda a sua actuação um comentário irónico à própria ficção representada.

Através da convocação de diversas imagens de uma certa portugalidade, figuradas de forma exemplar a nível dos figurinos, da cenografia, da música, da dança e do rigor expressivo dos intérpretes, Ricardo Pais propôs-nos, com *UBUs*, um exercício cénico que simultaneamente actualizava a agudeza crítica do universo de Alfred Jarry e potenciava as suas possibilidades lúdicas, desse modo proporcionando uma experiência singular de irrisão e comunicabilidade, transformando a "feira cabisbaixa" de que nos falava o poeta Alexandre O'Neill num tão vertiginoso quanto deleitoso exercício criativo. *UBUs* demonstrou, assim, de forma eloquente a seriedade e consequência do trabalho criativo e formativo que Ricardo Pais vem há anos desenvolvendo no Teatro Nacional S. João, através da proposta regular de desafios imaginativos que constituem um dos mais estimulantes projectos de labor cénico da criação teatral portuguesa contemporânea.

O criador decidiu ainda utilizar alguns dos meios e recursos do Teatro que dirige para investir num registo videográfico, em formato DVD, com realização de João Tuna, que simultaneamente recupera a memória daquele espectáculo e, com uma invulgar combinação de competência e talento, se apropria dela para criar um outro objecto artístico.

<
UBUs,de Alfred Jarry,
enc. Ricardo Pais,
TNSJ, 2005
(João Reis),
fot. João Tuna.>
UBUs,de Alfred Jarry,
enc. Ricardo Pais,
TNSJ, 2005
(Pedro Almendra, Jorge
Vasques, Alberto
Magassela, Ivo Alexandre,
João Castro e Pedro Pernas),
fot. João Tuna.

Não deixa de ser curioso analisar este espectáculo também a nível das próprias contribuições criativas que congregou, entre antigas e mais recentes cumplicidades – e emprego o termo na mais efectiva acepção de encontros artísticos. Sérgio Godinho foi colaborador de Ricardo Pais em marcantes espectáculos da década de 70, nomeadamente como intérprete, na sua primeira encenação de *A mandrágora*, de Maquiavel, em 1976, e em *Matinée mágica*, de Wolfgang Bauer, no ano seguinte, ambos no âmbito d'Os Cômicos. Foi seu colaborador musical em *Terceiro mundo*, em 1981, e Ricardo Pais assegurou a direcção de um seu espectáculo de canções, em 1990, *Sérgio Godinho: Escritor de canções*. Passados dezasseis anos, o compositor reaparece, em *UBUs*, a assinar um conjunto insólito de canções criadas a partir do material da gesta ubuesca, com ostensivos traços brechtianos e weilianos, assegurando uma das vertentes musicais decisivas deste complexo musical. Luísa Costa Gomes, a autora de *Clamor*, a partir dos textos de António Vieira, em 1994, reaparece aqui no papel de tradutora e dramaturgista. Para lá da recuperação de dois mais experimentados colaboradores, quase todos os outros criativos envolvidos resultam de encontros mais ou menos recentes: Francisco Leal, "sonoplasta" desde *Dom Duardos*, em 1996, e "desenhador de som", desde *Raízes rurais, paixões urbanas*, em 1997; Nuno Meira, no desenho de luz, e Miguel Andrade Gomes, mais ocasionalmente, desde *Hamlet*, de 2001; o artista plástico Pedro Tudela desde *Rua!*, em 2003, e *Sondai-me! Sondheim*, em 2004; e o figurinista Bernardo Monteiro também desde *Sondai-me*. Entre o elenco, encontramos uma idêntica combinação de mais antigas e mais recentes cumplicidades, entre João Reis, Micaela Cardoso, Jorge Vasques, Lígia Roque ou Emília Silvestre e Paulo Freixinho, Pedro Almendra, João Castro ou Joana Manuel. Também aqui encontramos um programa, circunstancialmente determinado, sem dúvida, mas que denuncia uma estratégia e um modo de proceder, contribuindo de forma decisiva para a potenciação ou descoberta – em resumo, formação – de novos e renovados criadores e intérpretes.

Como já se sugeriu e facilmente se compreenderá, todo este projecto *UBUs* vale por si, pelas suas intrínsecas qualidades técnicas e artísticas, bem como pela experiência estética proporcionada, mas apresenta-se também como o resultado de todo um programa e todo um investimento consequente, de contornos quase históricos no sistema teatral português, tal a sua raridade. Para lá da legitimidade de todos os pontos de vista conflituosos que possam existir hoje em torno do papel e das funções de um Teatro Nacional – discussão que os sucessivos responsáveis políticos têm surpreendentemente conseguido, por inabilidade ou estratégia,



isolar da muito mais decisiva discussão de um serviço público no domínio do teatro –, será importante reconhecer, com a objectividade possível, que a experiência destes quase dez anos de existência do Teatro Nacional S. João constitui praticamente a única referência a partir da qual é, hoje, possível discutir a responsabilidade decisiva do Estado na estruturação do sistema teatral português. Sem equívocos e sem preconceitos.

Aquilo que distingue *UBUs* de muitos outros espectáculos produzidos naquele teatro e de muitas das criações recentes de Ricardo Pais no âmbito daquela estrutura não será unicamente a sua felicidade artística. Se recuar, serei capaz de preferir objectos mais requintados e sofisticados, como *A salvação de Veneza*, no já longínquo ano de 1997 – que, curiosamente, este mais recente espectáculo citava de forma evidente, quando colocava alguns dos conspiradores debaixo de um dos altifalantes –, exemplo claro de todo o imenso saber e talento cénico do criador na organização subtil de sinais e linguagens, com ênfases muito eloquentes na gestão expressiva da visualidade e do trabalho de representação. (*A salvação de Veneza* terá sido, aliás, um espectáculo decisivo para o crescimento artístico de um actor como João Reis.) *UBUs*, contudo, pertence a uma categoria diferente de experiências, aquela em que se podem também integrar, novamente como exemplo, *As lições* ou *Noite de reis*, ambos de 1998, por conseguir articular essa fascinante orquestração de tudo aquilo que faz a cena reverberar de sentidos com uma generosidade comunicativa, talvez sempre presente nas ambições do criador, mas algumas vezes atraída pelo seu próprio fascínio de elaboração cénica. Como qualquer insuportável "teatreiro", Ricardo Pais impacienta-se de tal forma com aquilo que sente como sendo a ignorância e os preconceitos que grassam na comunidade teatral e jornalística, que tem conseguido – involuntariamente, por certo – prejudicar quase irremediavelmente o imenso capital pedagógico e formativo que todos os seus espectáculos encerram e, em torno deles, toda a sua acção como gestor cultural. *UBUs* conseguiu ser, justamente, o contrário dessa *persona* pública tantas vezes agreste e até, facilmente, arrogante, para se oferecer como a celebração teatralmente cultíssima e sofisticada da invulgar imaginação cénica que, desde 1975, tem tentado trilhar caminhos novos e ousados para o teatro português.

Que a criação deste espectáculo tenha coincidido com um momento de mais efectiva internacionalização da produção do Teatro Nacional S. João é simplesmente um motivo adicional para celebrarmos a vitalidade deste projecto, com a atenção e a responsabilidade que nos cabe também enquanto espectadores.